



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

11 e 12 de janeiro de 2020

Notícias do Dia Capa e Perfil "O decano dos pediatras"

O decano dos pediatras / Murillo Roland Capella / Professor / Curso de Medicina / UFSC

MURILLO CAPELLA

Médico, professor, cronista...

Decano dos pediatras, Murillo Roland Capella, 83 anos, quase foi jogador de futebol. Em entrevista ao ND, ele conta essa e muitas outras histórias ligadas à medicina, aos livros e a Florianópolis. PÁGINA 12 E 13

ND PERFIL 12 FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 11 E 12 DE JANEIRO DE 2020

Editor: **FELIPE ALVES**
felipe.alves@ndmais.com.br

Aos **83 anos**, o catarinense **Murillo Capella** já ajudou a formar mais de **3 mil médicos** no Estado e acumula **extensa carreira** como escritor, professor e **cirurgião pediátrico**

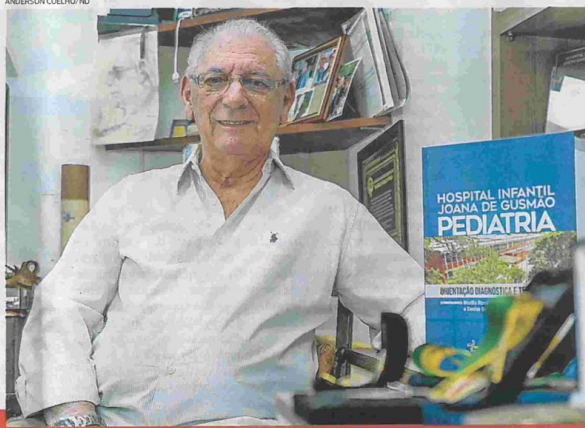
O decano dos pediatras

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
Especial para o ND

O currículo do cirurgião pediátrico catarinense Murillo Ronald Capella não caberia nestas páginas. Por isso, em vez de citar todas as funções e cargos que exerceu, os prêmios que recebeu e as obras que publicou, demos a palavra a ele para falar de fatos marcantes de sua vida, de como quase se tornou jogador de futebol, de sua veia de cronista e de como é possível ter uma vida longa e saudável. Por fim, ele relembra o caso de um dos tantos pacientes que salvou e como um abraço de reconhecimento pode ser importante mesmo para um homem com carreira tão extensa.

Aos 83 anos, o Dr. Murillo se prepara para assumir neste mês a diretoria técnica da clínica Casas Capella de Saúde, criada por um grupo de primos-irmãos no Rio de Janeiro. Tem mais livros no prelo e continua ensinando o que sabe, como professor universitário. E lendo Machado de Assis, Fernando Sabino, Rubem Braga e outros autores que o inspiram para escrever suas crônicas.

ANDERSON COELHO/ND



MURILLO CAPELLA Cirurgião pediátrico e professor

Sua carreira como médico é longa e seu currículo é invejável, mas conhecido por muitas pessoas. Por isso, vamos começar por algo inusitado. O senhor quase foi jogador de futebol. Portanto, a medicina por pouco não perdeu um de seus grandes expoentes em Santa Catarina. Como foi essa encruzilhada em sua vida?

Sempre gostei muito de futebol, a ponto de ter batido bola até os 63 anos. Comecei jogando no Largo 13 de Maio e depois atuei no Colegial, time vinculado ao Colégio Catarinense que fez história em Florianópolis. Logo após ter passado no vestibular no Paraná, aos 18 anos, em 1956, meu pai descobriu que eu era aspirante do Coritiba e deu o ultimato, por meio de uma carta: tinha de escolher entre a medicina e o esporte. A carreira de atleta acabou ali, mas eu continuei jogando com os colegas da faculdade, em times divididos pelo sobrenome de cada aluno – havia os de origem espanhola, os descendentes de árabes, os filhos de italianos, e por aí fora.

Mesmo fiel à medicina, portanto, o lado de atleta nunca deixou de se manifestar...

Formado em 1961, cumprí a residência no Rio de Janeiro, mas de volta a Florianópolis fiz parte de um time de médicos da cidade que jogava no antigo Abrigo de Menores, na Agronômica. Também atuei no futsal e no futebol society na ACM

(Associação Catarinense de Medicina). Parei depois dos 60, mas ainda sou um aficionado: leio muito sobre futebol, acompanho os noticiários, assisto aos jogos, as Copas do Mundo são uma festa em casa, com a presença dos filhos, noras e netos. Sou torcedor do Avaí, mas já tive quatro cadeiras no estádio do Figueirense quando o time foi o primeiro representante catarinense no Campeonato Brasileiro. Também sou botafoguense, no que fui acompanhado pelos meus três filhos. Fui vice-presidente da FCF (Federação Catarinense de Futebol), na gestão de Delfim Peixoto, e juntei um material que deverá ser transformado em livro, com o título de "As vozes do futebol televisivo", no qual analiso os estilos de narradores e comentaristas desde a Copa do Mundo de 2002, passando pelos campeonatos catarinense e brasileiro.

O senhor também é um cronista reconhecido. Fale sobre essa queda pela literatura e os temas que aborda nos textos que escreve.

Tenho nove livros publicados, e o 10º vai sair em breve. Três deles são sobre medicina, um aborda a história da Academia de Medicina de Santa Catarina e cinco são de crônicas. Um deles, "Encontros Marcantes", fala de meus contatos com figuras como Juscelino Kubitschek, Carlos Lacerda, Albert Sabin, Garrincha, Romário e Roberto Dinamite. Publico crônicas no "jornal da Unicred Florianópolis" e

na revista "Mundo Cooperativo", com foco na saúde e na economia ligadas à previdência. Agora, fui indicado para escrever a biografia de Valério Mattos, que foi jogador de futebol, auditor fiscal, criador do Clube dos Gourmets e do restaurante Pirão, entre outras tantas atividades. E tenho grande paixão pelo cinema: vejo de quatro a cinco filmes por semana e tenho uma boa biblioteca sobre o assunto. Gosto de filmes antigos e tenho Charles Chaplin como grande ídolo.

Com mais de seis décadas de ensino, pode-se dizer que milhares de médicos de Santa Catarina foram seus alunos.

Além de me aposentar compulsoriamente como cirurgião pediátrico do Estado aos 70 anos, fui durante três décadas professor do curso de medicina da UFSC e ajudei a criar a residência médica no Hospital Infantil Joana de Gusmão. Também

lecionei na Univali, onde implantei o curso de medicina junto com os professores Bruno Schlemper e Nelson Grisard. E até hoje dou aulas na Unisul, nas disciplinas ética médica e bioética. Estou na área do ensino médico desde 1957 – portanto, há quase 63 anos. Só na UFSC ajudei a formar mais de três mil médicos, além de cerca de 400 na Univali e muitos outros nos 16 anos em que estou vinculado à Unisul. É por isso que sou tão conhecido em todo o Estado.

E ainda sobrou tempo para se dedicar à política.

Minha experiência político-administrativa inclui o período como vice-prefeito na gestão de Angela Amin e os cargos de secretário municipal de Saúde e de adjunto da Saúde do governo do Estado, sendo que assumi em diversas oportunidades a função de secretário. Também fui diretor do Hospital Infantil Joana de Gusmão e superintendente da Fundação Hospitalar de Santa Catarina.

Sendo médico, o senhor sabe que muitos profissionais da sua área cuidam bem da própria saúde. O que explica a sua vitalidade, disposição e o fato de continuar encarando sempre novos desafios?

O bom relacionamento humano explica a energia que me garante saúde física e mental. É claro que uma boa dieta e a prática de esportes



Além de me aposentar compulsoriamente como cirurgião pediátrico do Estado aos 70 anos, fui durante três décadas professor da UFSC e ajudei a criar a residência médica no Hospital Infantil Joana de Gusmão.

e exercícios físicos também ajudam muito. Mas há três anos, por exemplo, temos uma confraria na qual o membro mais jovem tem 71 anos. Paulo Konder Bornhausen, o mais velho deles, está com 90 anos. Os demais, pela ordem de idade, são Mário Petrelli, eu, José Bastos, Aurélio Rotulo Costa Araújo, Júlio Cesar Gonçalves, o coronel Itamar Diniz, Newton Brüggemann e Luiz Alberto Silveira. A maioria são advogados e médicos. Nos reunimos a cada duas semanas e resolvemos, em nossas conversas, todos os problemas do mundo (risos). Temos grupos de WhatsApp e Facebook, e nos divertimos muito.

Quer dizer que rir e ter amigos aumenta a chance de ter uma vida longa e saudável?

Isso aumenta a imunidade e cria barreiras para as doenças que nos ameaçam. Todos os nossos órgãos envelhecem, mas hoje há remédios e tratamento para os males que mais matam, como a hipertensão e o diabetes.

Como vê a situação da pediatria em Santa Catarina e no país?

A pediatria é a segunda especialidade médica que mais evoluiu nas últimas décadas, atrás apenas da cardiologia,

Meu maior orgulho foi ter recebido, em 2017, um diploma da Federação Mundial das Associações de Cirurgiões Pediatras como reconhecimento pela contribuição a esta especialidade [pediatria] na América do Sul".

especialmente por causa dos avanços tecnológicos. Também a prevenção e a imunização, por conta das vacinas, além do aumento do saneamento básico (que reduziu verminose, desidratação e diarreias), ajudaram a mudar o cenário para melhor. O aleitamento materno é outro fator importante na diminuição dos índices de mortalidade infantil. A possibilidade de diagnóstico precoce e a correção de males congênitos – a minha área de atuação – facilitam a detecção de doenças ainda no útero da mãe, permitindo que a criança seja operada ao nascer. Até nos casos de prematuridade, quando observados os cuidados básicos, há mais chances de sobrevivência.

Florianópolis e o Estado avançaram muito na questão dos cuidados básicos com as crianças.

Santa Catarina é o primeiro Estado do Brasil em atenção primária. Quando era prefeita, Angela Amin criou o programa Capital Criança, que mudou a atenção básica, transformando Florianópolis numa cidade com taxa de mortalidade infantil de primeiro mundo. Hoje, o setor de cirurgia pediátrica do Hospital Joana de Gusmão tem o melhor serviço do país no ensino da especialidade e é referência na América do Sul.

O que foi mais marcante em sua longa carreira de médico?

Meu maior orgulho foi ter recebido, em 2017, um diploma da Federação Mundial das Associações de Cirurgiões Pediatras como reconhecimento pela contribuição a esta especialidade na América do Sul. Tenho 138 trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, além de 45 capítulos em livros dentro e fora do Brasil.

Cite um episódio que marcou sua atuação como cirurgião.

No livro "Pacientes inesquecíveis – Reminiscências e reflexões", de 2018, relato experiências que marcaram a minha vida de cirurgião pediátrico, incluindo a cirurgia em um recém-nascido de Laguna chamado Antônio, que chegou com atresia do esôfago. Trata-se de um defeito congênito que

impede que o alimento chegue até o estômago, agravado neste caso por uma estenose hipertrofica do piloro, canal que fica entre o estômago e o duodeno. Ele foi operado com sucesso no sétimo dia de vida, mas apresentou outros problemas. Em um mês, o menino teve corrigidas quatro anomalias congênitas, um caso raríssimo no país. Em 2016, festejando meu aniversário na Associação Catarinense de Medicina, fui surpreendido com a presença da família – o próprio Antônio, seus pais e a mulher, que vieram de longe para me cumprimentar. Na despedida, o rapaz, então com 30 anos, apertou minha mão e disse: "Obrigado por ter salvo minha vida". Foi um dos momentos inesquecíveis de minha carreira.

Como vê a situação de Florianópolis, sua cidade, que conheceu com outra cara tantos anos atrás?

Entendo que o progresso melhora a vida das pessoas, mas no caso de Florianópolis faço algumas ressalvas. Não acho que a solução para a imobilidade urbana, por exemplo, será com novos sistemas viários, e sim pela educação, que inclui uma nova consciência de locomoção, o transporte solidário e maior uso da bicicleta no dia a dia.

Notícias do Dia Geral

“Homem surdo adota cão surdo”

Homem surdo adota cão surdo / João Gabriel Ferreira / Doutorando em Estudos da Tradução / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

SOLIDARIEDADE

Homem surdo adota cão surdo

O cãozinho surdo Pirata, adotado e devolvido à Dibeia (Diretoria de Bem-Estar Animal de Florianópolis) já tem uma nova família. Menos de um ano após a devolução, Pirata foi adotado por alguém que possui a mesma característica: o novo tutor também é surdo e já possui uma cadelinha que reconhece a língua de sinais.

João Gabriel Ferreira, de 30 anos, é surdo desde os 9 meses de idade, após contrair uma meningite. João saiu do Rio de Janeiro para morar em Florianópolis e começar o doutorado em estudos da tradução na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), mas estava de férias na cidade de origem quando um amigo viu o caso do Pirata nas redes sociais e comentou a possibilidade de adoção.

“Somos em quatro estudantes no apartamento onde moramos. Sendo três surdos e 1 CODA (Children of Deaf Adults, em tradução, filho de adultos surdos). Eu tinha comentado que queria adotar um cachorro surdo, igual a gente”, disse João.

O estudante, que trabalha com tradução e interpretação nas horas vagas, diz que o processo de adoção foi bem simples e o primeiro contato com a Dibeia foi feito pelas redes sociais.



João Gabriel Ferreira resolveu adotar o cão que possui a mesma deficiência que ele

Pirata foi batizado com um novo nome

Aliás, com a nova família surgiu um novo nome para o simpático vira-lata: Jôgan. João revela que a inspiração para a nova identidade do Pirata veio dos desenhos de anime japonês, dos quais era fã:

“Alguns dias antes de saber dessa adoção, eu estava lendo sobre esse olho chamado ‘Jôgan’, por curiosidade mesmo. Aí vi o cachorro no Instagram e percebi que o olho azul dele me lembrava muito o do anime que eu assistia”, comenta.

Jôgan chegou ao novo lar na tarde de quinta-feira (9). No nova casa, o cãozinho vai dividir espaço com a cadela Gabi, que já mora com o grupo de amigos há algum tempo, depois de ter sido resgatada das ruas. A vira-lata já entende alguns comandos da língua de sinais.

“Ela entende e sabe que somos surdos. Quase não late. Nos avisa de batidas de portas, das visitas, sempre nos pede pra sair de casa e ir passear”, diz João.

Em breve, o recém-chegado Jôgan também deve aprender a se comunicar com os novos donos, mas João explica que o processo agora é de adaptação à nova casa, afinal, ele já havia sido adotado por outra família e devolvido: “Ele está bem. No começo ficou um pouco assustado. Mas agora está bem feliz! Nos olha o tempo todo sinalizando e conversando em Libras”.

DC Revista e AN Revista Os catarinenses "Rumo à universidade"

Rumo à universidade / Heloisa Manuela Melo / Vestibular unificado / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / UFFS / Universidade Federal da
Fronteira Sul / Maria José Baldessar / Coperve

>> OS CATARINENSES | HELOISA MANUELA MELO

RUMO À UNIVERSIDADE

JULIANA GOMES

juliana.gomes@somosnsc.com.br

GUILHERME SIMON

guilherme.fernandes@somosnsc.com.br

Ano novo, vida nova. Para muitas pessoas, esse é o lema para 2020. Ele se aplica a jovem Heloisa Manuela Melo. Aos 20 anos, a estudante de Brusque foi a primeira colocada do vestibular unificado de 2020 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) entre os candidatos de escola pública. A sonhada vaga no curso de Medicina foi conquistada após três anos de dedicação. Aproximadamente 25 mil pessoas se inscreveram no primeiro vestibular unificado. Ao todo, foram disponibilizadas 5.174 vagas, sendo 4.513 para a UFSC e 661 para a UFFS. Os candidatos puderam escolher entre 145 cursos diferentes, distribuídos entre 11 campi dos três estados da região Sul do país. Em Santa Catarina, eles estão em Florianópolis, Araranguá, Blumenau, Curitiba e Joinville, pela UFSC, e Chapecó, pela UFFS. O período de matrículas para os aprovados em primeira chamada será entre os dias 20 e 23 de janeiro, através da internet no site do vestibular unificado.



IDADE

20 anos

PROFISSÃO

Estudante

CIDADE

Brusque

COMO RECEBEU A NOTÍCIA
Depois de receber a notícia da primeira colocação, ela se disse incrédula:

- Não estava esperando ficar em primeiro lugar nunca. Vi minhas notas e esperava um terceiro lugar. Estou até assustada. Parece mentira.

VIDA NA REDE PÚBLICA
Heloisa diz que sempre estudou em escola pública e que teve que preencher uma lacuna na formação para conseguir a aprovação:
- Dei o meu sangue pra chegar aqui.

IDAS E VINDAS
Moradora de Brusque, Heloisa viajava todos os dias para Balneário Camboriú, onde frequentava aulas de um cursinho pré-vestibular.

Confira a lista completa com os aprovados em nscototal.com.br



DC Revista e AN Revista César Seabra “O perigo das acusações sussurradas”

O perigo das acusações sussurradas / Operação Ouvidos Moucos / Polícia Federal / Escola Base / Caso Richard Jewell

O perigo das acusações sussurradas

“O caso Richard Jewell”, o novo filme de Clint Eastwood, mostra como uma investigação desastrada e um grosseiro erro da imprensa podem destruir uma vida honesta. A história é bem conhecida. Aconteciam as Olimpíadas de 1996, em Atlanta. Uma bomba explode, duas pessoas morrem, cem ficam feridas. Poderia ter sido pior se não fosse a percepção do segurança particular Richard Jewell, que viu uma mochila abandonada e alertou os policiais.

Sujeito esquisitão, introvertido, ainda morando com a mãe, Jewell vira herói nacional. Três dias depois da explosão, o “Atlanta Journal” sai com a manchete: “FBI suspeita que o guarda ‘herói’ possa ter plantado a bomba”. A partir dali tudo muda para Jewell – mesmo muito tempo depois de ele ter sido



“Não se deve confiar em acusações sussurradas”. Este preceito, simples e poderoso, serve para todas as relações de nosso cotidiano

inocentado. A vida nunca mais foi a mesma. Para onde ia recebia pedidos de autógrafos de crianças e olhares desconfiados de adultos. Foi assim até o fim dos dias.

De alguma forma o filme de Eastwood faz lembrar a espetacular e nebulosa Operação Ouvidos Moucos, da Polícia Federal aqui em Santa Catarina. Até hoje não se entende o motivo de tanta truculência e tanta falta de informação. A imprensa se precipitou e não fez o necessário mergulho investigativo no caso. O trágico resultado nem é bom lembrar.

O caso de Richard Jewell refresca a memória, também, para a triste história da Escola Base, em São Paulo. Em 1984, quatro pessoas foram acusadas de fazer orgia com crianças. A imprensa confiou, não apurou com precisão e publicou notícias absurda-

mente falsas. Os quatro acusados foram declarados inocentes. Mas a vida deles já estava destruída para sempre.

Voltemos a Atlanta, 1996. Na época, o The New York Times fez uma cobertura jornalística mais contida, mais focada no frenesi local do que no suspeito produzido pelo FBI e comprado por grande parte da imprensa. O jornal americano aprendeu com erros do passado e hoje segue um simples e poderoso preceito: “Não se deve confiar em acusações sussurradas”. Este preceito deve servir para todas as relações de nosso cotidiano.

Richard Jewell morreu em 2007, aos 44 anos, devido a sérios problemas causados pela diabetes e carregando as severas injustiças com as quais foi obrigado a conviver. Na manchete do obituário dele, o NYT fez justiça a Jewell: “Herói do ataque de Atlanta”.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

11/01/2020

[**Pesquisadores da UFSC fazem estudo sobre águas-vivas que aparecem no litoral de SC**](#)

[**Mistério desvendado: a história da jovem Vera Linhares, nome de rua em Florianópolis**](#)

[**Formandos de Engenharia Civil da URI são aprovados em mestrados**](#)

[**Forró Arrebol reúne dança e amigos em pontos turísticos e praças de Florianópolis**](#)

[**Decano dos pediatras em SC, Murillo Capella lembra caso raro e quase atuação como jogador**](#)

12/01/2020

[**Pesquisadores da UFSC fazem estudo sobre águas-vivas que aparecem no litoral de SC**](#)

[**Após ser devolvido por família por ser surdo, cão é adotado por estudante também surdo em Florianópolis**](#)

[**Vagas para tutores na UFSC**](#)

[**Associação de ex-alunos de Engenharia Mecânica da UFSC projeta atuação**](#)

[**SUS lança 20 mil vagas em cursos gratuitos online sobre obesidade e sobrepeso**](#)